



**ESPECTADORES DO FUTURO:
A geração da *tecnovivência* teatral**

**ESPECTADORES DEL FUTURO:
La generación de la *tecnovivencia* teatral**

**SPECTATORS OF THE FUTURE:
The generation of theatrical *technovivence***

Ohanna Simioni Pico Pereira¹

Resumo

Este texto discorre sobre os desafios da experiência com o teatro diante dos procedimentos artísticos que emergem nos tempos atuais, com ações intermediadas por telas experimentadas no atual estado de emergência. Para a reflexão, se colocam lado a lado duas modalidades de proposições cênicas com base nos pensamentos do filósofo e teórico cênico argentino Jorge Dubatti (2020): Arte convivial e arte *tecnovivial*.

Palavras-chave: convívio, experiência estética, pandemia, *tecnovívio*

Resumen

Este texto se analizan los desafíos de la experiencia con el teatro frente a los procedimientos artísticos que surgen en los tiempos actuales, con acciones mediadas por pantallas vividas en el estado de emergencia actual. Para la reflexión, se colocan dos tipos de propuestas escénicas lado a lado, a partir del pensamiento del filósofo y teórico escénico argentino Jorge Dubatti (2020): Artes conviviales y artes *tecnoviviales*

Palabras clave: convivio, experiencia estética, pandemia, *tecnovivio*

Abstract

This paper discusses about the challenges of the experience with the theater in the face of artistic procedures that emerge in current times, with actions mediated by screens experienced in the current state of emergency. To think about, two types of scenic propositions are placed side by side, based on the thoughts of Argentine philosopher and scenic theorist Jorge Dubatti (2020): Conviviality art and technoviviality art.

Keywords: convivial, aesthetic experience, pandemic, *technovivial*

¹ Arte-Educadora no ensino básico da rede estadual de Santa Catarina. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com pesquisa em andamento na área de Linguagem, Recepção e Conhecimento em Artes Cênicas, sob orientação do Prof. Dr. Clóvis Massa. Mestra em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: ohannaspp@gmail.com

* * *

Este texto traz pensamentos a partir dos desafios da experiência com o teatro diante dos procedimentos artísticos que emergem nos tempos atuais. Para contornar a impossibilidade do encontro presencial, devido a reclusão social estabelecido pela quarentena, proposições teatrais intermediadas por telas vêm sendo experimentadas no atual estado de emergência.

A transição dos corpos para o formato virtual não foi e não está sendo um deslocamento fácil para àqueles que propõem e assistem teatro por uma tela. Concomitantemente, existem resistências com o meio digital, mas também uma hiperatividade do experimentalismo, uma vez que artistas estão percebendo que para sobreviver é preciso propor mesmo em condições inesperadas.

Há nesta forma de contato com o teatro uma diversidade epistemológica, visto que o acontecimento teatral presencial é distinto do acontecimento teatral virtual, formato que é intermediado por uma máquina. Modalidades que se diferenciam, primeiramente por questões territoriais, sobretudo diferenças na construção de um novo tipo de presença, a presença virtual; o que implica em outras formas de acontecimentos para o espectador.

Jorge Dubatti, historiador e fundador da escola de espectadores de Buenos Aires, nos convida a pensar sobre a arte no atual contexto, na palestra intitulada *Artes conviviales y artes tecnoviviales*, transmitida no evento de Fórum de Estágios – Docência em Teatro 2020, promovido pela Universidade Federal de Santa Maria. Dubatti (2020) propõe uma perspectiva filosófico-política entre convívio e *tecnovívio* nas artes teatrais. Como um primeiro passo, ele resgata uma constatação apresentada em seu livro *Filosofia del teatro* (2007), que é a singularidade da teatralidade, o que fundamentalmente a diferencia de outras manifestações culturais também fundadas na representação, como o cinema e a televisão. Essa singularidade é “o resgate do convívio”, ou seja, “[...] a reunião sem intermediação tecnológica – o encontro de pessoa a pessoa em escala humana” (DUBATTI, 2007, p. 20).

Assim como Dubatti, outros teóricos das artes da cena reconhecem que a grande potência do teatro reside justamente no encontro presencial entre corpos, a teórica

alemã Erika Fischer-Lichte (2005), atribui à presença física a base existencial de todo tipo de espetáculo:

“O corpo físico do ator e do espectador é a base existencial de todo o tipo de espetáculo. [...] Não são as ideias, os conceitos nem os sentidos que devem ser examinados em primeiro lugar, para dar visibilidade ao carácter performativo da cultura, mas sim os corpos físicos particulares através dos quais e entre os quais se produz o espetáculo”. (p. 76)

O teatro é a arte de aproximar as pessoas, e seu objetivo de vida e poesia é justamente a aglomeração, a coletividade de corpos em comunhão, a troca de suores e sorrisos em grupo. O teatro sem essa deliciosa e perigosa consciência da falibilidade do ser humano ali na sua frente, está destituído da sua maior potência, a de compartilhar um momento único no “aqui e agora” e cruzar por ideias e sensações que circulam neste espaço e percorre entre os espíritos presentes.

Neste sentido, faz-se necessário dar atenção ao que é isto que está acontecendo e ao que vai acontecer enquanto estamos reclusos em nossas casas, podendo viver o teatro unicamente através de corpos midiáticos. E refletir sobre de que forma vamos utilizar o que o teatro nos deu, transposto para os encontros remotos. “Será que existe amor no abraço telemático?” – Ecoando reflexões de Ascott (2009) –.

De fato, a presença física se mostra como elemento vital para os encontros com o teatro, o que nenhum grande teórico da cena nem ninguém estava prevendo, foi o impedimento dos encontros de presença física, ocasionado pela pandemia. Inseridos neste estado de emergência, aonde nossa única forma de comunicação é por meio da presença virtual, como se lida com a ausência da co-presença nas propostas *tecnoviviais*?

Na configuração presencial, o encontro convivial convidava o espectador para experiências de matriz vitais, o corpo e o espaço em jogo, com corpos vivos, presença física e proximidade. Por outro lado, o acontecimento *tecnovivial* utiliza como linguagem a virtualidade, intermediada por dispositivo e medida por uma distância, acessada por meio de um link remoto. Dubatti (2020) defende: “Certamente, as experiências conviviais e *tecnoviviais* são diferentes; nem melhor, nem pior, apenas diferentes”.

O encontro convivial trabalha com o corpo físico, materialidades, um território poroso que ultrapassa a ordem da linguagem e abre um campo para a experiência, em que a tensão provocada pela percepção dos corpos e trocas de energia faz com que a

experiência estética vivida pelo público navegue entre o real e ficcional, muitas vezes sem uma ordem perceptiva facilmente reconhecível.

Por sua vez, o encontro *tecnovivial* se restringe a um corpo digital e é limitado pela linguagem que emite, o espectador dificilmente é pego desprevenido nesta segunda forma, pois uma máquina intermedia este encontro. Dubatti (2020) faz uma metáfora sobre a diferença entre as duas formas de encontro, ele apresenta que a arte convivial é nadar em águas abertas, o espectador está mais exposto, já a arte *tecnovivial* é o espectador nadar em uma piscina, delimitada pelas dimensões e raias, como em um “teatro enlatado”.

As duas formas de proposição teatral são divergentes no entanto não competem entre si, e sim aprendem a conviver entre si. Dubatti (2020) apresenta algumas conclusões a partir da sua perspectiva: 1) Não há competição entre proposições conviviais e *tecnoviviais*, elas vivem em suas diferenças, com suas especificidades, e o teatro aprende a conviver com as duas e a mesclar-se quando necessário; 2) Não há evolução, o *tecnovivial* não é a evolução do convivial, acreditar nisto é falso darwinismo, pois são acontecimentos diferentes que convidam a experiências diferentes; 3) Não há destruição, a cultura do *tecnovívio* não é uma substituta da cultura do convívio, deve-se pensar aqui num pluralismo cultural, alimentar-se do hibridismo preservando sua singularidade; 4) A relação entre elas é assimétrica, ou seja, um espetáculo teatral convivial pode apresentar aspectos tecnológicos em sua apresentação (conexões on-line ou projeções), mas um espetáculo *tecnovivial* ainda não consegue resgatar materialidades do convívio.

A partir das conclusões apresentadas por Dubatti, pode-se delinear algumas reflexões sobre: Como será a cena presencial daqui para frente? Como perceberemos o corpo do outro após o distanciamento social? Qual o tamanho do estrago que as medidas de isolamento durante a pandemia terão sobre afetividade coletiva? A pandemia desencadeará problemas no plano da experiência relacional?

Sem saber tudo sobre o cenário de desconfinamento, podemos prever que talvez, na experiência estética futura, a co-presença entre corpos possa ter seu processo prolongado, contudo, um aspecto que acalenta os questionamentos expostos é que o teatro tem se mostrado adaptável ao pluralismo de linguagens.

O teatro *tecnovivial* requer outro tipo de presença, a experiência midiaticizada levanta questões inéditas para os estudos artísticos na contemporaneidade, uma vez que estamos reféns a este modelo de comunicação a mais de um ano. O midiático neste sentido, não trata-se de uma escolha de fazer teatro, mas sim uma necessidade imposta.

Stephan Baumgartel (2020) faz um alerta sobre propostas cênicas que fazem o uso da telepresença, para ele, não basta oferecer ao espectador a poética de escape, ou seja conduzir a imaginação do participante para um campo romantizado fora e longe dos problemas sociais que envolve viver em tempos pandêmicos; mas sim, oferecer ao espectador a poética de embate ou de fissuras sobre a própria presença midiática, e as consequências acarretadas pela ausência da co-presença:

“Dessa tensão surge concretamente a necessidade de criar poéticas conviviais que não apenas se apresentam nas plataformas, mas que trabalham com elas e com os outros meios de comunicação on-line de maneira a evidenciar e problematizar a mediação tecnológica”. (p.128)

Neste sentido, se vê surgir atualmente propostas artísticas as quais reconsideram suas nomenclaturas, e o que antes era chamado de “espetáculo” hoje designa-se de “Experimento sensorial em confinamento²” ou “Viagem Cênico Cibernética³”, alguns exemplos de trabalhos cênicos on-line dos quais têm em comum o uso de diversas plataformas (*WhatsApp, Instagram, E-mail, Zoom, Spotify, Deezer, Youtube*, contato telefônico). E a partir deste contato tecnológico efetuam-se ações cênicas que escancaram a necessidade do uso de programas que dependem de uma boa conexão com a *internet* e um dispositivo para acontecer; e quem não tem a tecnologia necessária fica de fora.

Ambas proposições citadas acima, convidam a embarcar na narrativa cênica problematizando alguns aspectos do futuro incerto de uma vida refém da pandemia, como a nossa dependência dos dispositivos tecnológicos, a liminaridade em torno da cibercultura e a necessidade de resistência.

Muitas das propostas cênicas criadas neste maremoto digital demonstram uma busca por reorganizarem estratégias das quais despertam o interesse do público não só em procurar o “teatro on-line” mas manter a atenção do espectador ativa durante toda a ação. Uma das estratégias vividas por mim como espectadora, foi participar de

² *Tudo o que coube numa VHS* (2020) do Grupo Magiluth de Recife (PE).

³ *Clã-destin@* (2020) do Grupo Clowns de Shakespeare de Natal (RN).

espetáculos os quais a todo tempo solicitam do público uma resposta ativa durante as cenas, ou seja, o evento só pode ocorrer se o público responder, e estiver a prontidão para efetuar a comunicação através dos dispositivos on-line.

Esta forma de comunicação ativa entre propositor e espectador é uma especificidade utilizada no campo *tecnovivial* que resgata pilares semelhantes ao do convívio: o acordo entre os participantes e as trocas entre os corpos presentes como ações determinantes para o acontecimento cênico. Especificidade esta que se opõem fortemente a outras propostas cênicas também surgidas atualmente, que unicamente transpõem trechos de uma montagem já existente para o formato em vídeo ou *lives*, onde o espectador encontra-se desprendido de uma comunicação direta com o artista e possui uma liberdade maior de pausar o vídeo ou retirar-se da sala de transmissão, sem quaisquer constrangimentos ou comprometimento com quem está do outro lado da tela.

Independente da proposta de comunicação com o público ser mais ou menos direta ou aberta, não cabe neste momento atribuir quaisquer juízos de valor entre as proposições *tecnoviviais*, sendo que muitas destas ofertas são inerentemente exploratórias, em que avaliam o potencial de um meio ainda desconhecido.

O artifício tecnológico como meio de experiência, também pode ser pensado quando as portas dos teatros reabrirem, há a possibilidade de uma ampliação do uso de novas tecnologias inseridas nos espetáculos pós pandêmicos. Como o público esteve recluso por determinado tempo, apenas assistindo propostas virtuais, espera-se que este retorno ao físico (pós-pandemia) resgate teatralidades midiáticas justamente para promover tensão entre as memórias da realidade corpórea (pré-pandemia) e realidade tecnológica (durante pandemia). Gustavo Vicente (2012) estabelece um paralelo com reflexões de Picon-Vallin (2009) sobre inovações nas artes da cena:

“Existem ferramentas que possibilitam a desestabilização e hibridez da forma de sentir o espaço e tempo teatrais. A utilização dos novos medias é deste modo um fator de encorajamento da participação ativa dos espectadores, através da tensão criada entre o espaço virtual e real, desafiando a percepção dos espectadores.” (p.116)

Em medidas graduais, voltaremos a ocupar os prédios teatrais, porém a opção do teatro remoto continuará, visto que muitos artistas experimentaram que o *on-line* atravessa fronteiras e convida números maiores de espectadores em contato com suas produções. Então, faz-se importante investigar como teatralizar esse dispositivo cênico

chamado de espetáculo *tecnovivial*, ao invés de desvalorizá-lo por sua falta de convivialidade física.

Juliana Jardim (2021), professora atuante na formação de artistas, *performers* e narradores expõe pensamentos através da entrevista cedida para o site Itaú Cultural sobre a presença nos espaços físico e virtual. A professora relata que em 2020, formou-se um núcleo de pessoas que estavam incomodadas com certa necessidade de resposta rápida das artes cênicas, ao contexto atual. Onde percebeu-se que nesses encontros surgiu uma solidão coletiva impulsionadora de uma sensação comum de querer investigar ou investir em ações cênicas direcionadas para o espaço virtual.

Conectada a essas buscas, Juliana criou o projeto artístico *Ensaio ignorantes* que aborda sobre a temática da “não saudade do palco”. A professora contextualiza as inquietações debatidas no projeto:

“O palco é um espaço. E podem acontecer coisas maravilhosas ali, mas, se eu ficar apenas com saudade de lá, parece-me que só fico comunicando um melodrama ou a minha dor, e ela se impõe – uma dor de uma ausência que acho muito pouco movimentadora de invenção, parece que não move. Assim, estou escolhendo não botar um refletor sobre a minha saudade do palco, mas muito mais olhar para outro assunto: o que sobra daquilo que a gente aprendeu lá?” (JARDIM, 2021).

Em suas reflexões, Juliana Jardim menciona que isto que está feito nos moldes *tecnoviviais*, são efeitos da presença, um coletivo de rostos corporificados através das suas telas que partilham de um espaço e tempo onde poderá acontecer diversas coisas no campo do sensível, que é o lugar das artes. Assim, a professora defende:

“Mesmo que a gente esteja na tela. É só ver quantas *lives* vêm acontecendo que já evocaram assuntos interessantes para a gente. [...] Acho importante a gente se manter num “entremundos”. Estar em “entremundos” significa oferecer para cá [virtual] o que tem no meu histórico de pessoa, na experiência dos corpos em presença e do máximo de eletricidade que posso manter aqui e para a vida continuar viva.” (JARDIM, 2021).

Sabe-se que o teatro não possa ser reduzido a uma tela, e que a experiência virtual não se iguala a uma experiência vital, contudo nestes tempos inéditos, a arte proposta no formato *tecnovivial* atua como um *band-aid* que deve ser valorizado por ser justamente a única forma de manter contato com o público atualmente, uma resposta improvisada diante de um desastre inacabado, um *band-aid* não no sentido de cobrir ou camuflar as marcas deixadas pela situação pandêmica, mas de amenizar os efeitos de solidão imposto pela quarentena e nos lançar para a cura futura.

Se a *tecnovivência* é ou não é teatro, podem ser apresentadas ilimitadas concordâncias ou discordâncias cercadas de implicações estéticas sobre a tal nova modalidade de “teatro digital” e suas atribuições, contudo, discutir nomenclatura ou configurações parece ser pouco frutífero no atual momento, pois a arte transcendente as separações.

Em suma, é esperado neste momento uma ampliação epistemológica e uma formação múltipla para artistas e espectadores, uma vez que a crise causada pelo isolamento social deslocou artistas e espectadores para o movimento, a de se experimentarem como sujeitos ainda mais críticos e adaptáveis a situações adversas.

E quando for o momento do retorno seguro para a reabertura dos palcos, o teatro abrirá suas portas e retomará seu papel de onde parou, do seu estado natural de convívio, pronto para receber espectadores ainda mais instrumentalizados e reinventados pela superação de tempos de emergências.

Referências:

ASCOTT, Roy. **Existe amor no abraço telemático**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 305-318.

BAUMGARTEL, Stephan. Configurando heterotopias de telepresença: contribuições de uma prática cênica para tempos de quarentena e além. In: **MUTIS POR EL FORO artes escénicas y política en tiempos de pandemia**. Editorial: ASPO, 2020.

Conseil québécois du théâtre. **Isto não é Teatro**, 2020. Disponível em: <<https://cqt.ca/covid19/info/1320>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

DUBATTI, Jorge. **Artes conviviales y artes tecnoviviales: enseñar y estudiar en el actual contexto**. Fórum de Estágios – Docência em Teatro 2020. Disponível em: <https://farol.ufsm.br/transmissao/forum-de-estagios-docencia-em-teatro-2020?fbclid=IwAR3TX6LKVO4-oiOQ1N5KbI7Gtx6zwW9MWznLxyQfggoCUXZFDHsxgng_sg>. Acesso em: 30 ago. 2020.

DUBATTI, Jorge. Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos. **Revista Rebento**, São Paulo, n. 12, p. 8-32. jan - jun 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

DUBATTI, Jorge. **Filosofia del Teatro I: convivio, experiencia, subjetividade**. Buenos Aires: Atuel, 2007.

FISCHER-LICHTE, Erika. A cultura como performance: desenvolver um conceito. **Sinais de cena**. Tradução de Maria Helena Serôdio, p. 73-80, 2005.

JARDIM, Juliana. Papo de coxia \ Sobre a não saudade do palco. [Entrevista concedida a] Milena Buarque e William Nunes. **Itaú Cultural**. Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/papo-coxia-sobre-saudade-palco?fbclid=IwAR3ABNwv6E9WOT9mIWQCbj-i20nYdffVuxBRaEmY1YlmX2RRTMrN8lrdizs>> Acesso em: 10 de maio de 2021.

PICON-VALLIN, Béatrice. Tradições e inovações nas artes da cena. **Sala Preta**, v. 9, p. 319-332, 2009.

TEATRO EM TEMPOS DE PANDEMIA [Locução de]: Vinicius de Souza. 19 de junho 2020. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/32OXBxjFU0BCbEDUtgCBgd?si=QqXd-w2dRwGX5FOHINcMnQ>>. Acesso em: Out. de 2020.

VICENTE, Gustavo. **Olhar o teatro contemporâneo: uma perspectiva não totalitária**. CineQuaNon, n. 6, p. 96-126, 2012.